

**SOCIEDADE EDUCATIVA E CULTURAL AMÉLIA LTDA – SECAL**

**LUANA ABRANTES DE SENA MOREIRA**

**CORDEL: UMA FONTE DE CONSUMO JORNALÍSTICO POPULAR**

**PONTA GROSSA  
2022**

---



**LUANA ABRANTES DE SENA MOREIRA**

**CORDEL: UMA FONTE DE CONSUMO JORNALÍSTICO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Sociedade Educativa e  
Cultural Amélia Ltda - SECAL.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Orientador – Dr. Helton Costa  
Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda.

---

Prof. Componente da Banca – Ligiane Malfatti  
Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda.

---

Componente da Banca – Afonso Verner

Ponta Grossa, de novembro de 2022.



**LUANA ABRANTES DE SENA MOREIRA**

**CORDEL: UMA FONTE DE CONSUMO JORNALÍSTICO POPULAR**

Artigo apresentado como critério parcial de avaliação  
do 8º Bimestre da Disciplina de Trabalho de  
Conclusão de Curso, da Unisecal.

Orientador: Professor Drº Helton Costa

**PONTA GROSSA**

**2022**

## CORDEL: UMA FONTE DE CONSUMO JORNALÍSTICO POPULAR

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relacionar a composição da informação sobre a morte do ex-presidente, Juscelino Kubitschek, desenvolvendo um estudo de caso comparativo entre um folheto de cordel e uma reportagem de um jornal impresso. Assim, a pesquisa tem também como objetivo destacar a literatura de cordel como meio de divulgação de notícias, no qual este deixa ser apenas uma vertente do gênero literário, para assumir caráter informativo, crítico e social, dentro do seu estilo e linguagem tradicional.

**Palavras-chave:** UNISECAL, Jornalismo, Literatura de Cordel

**ABSTRACT**

This article aims to relate the composition of information about the death of former president, Juscelino Kubitschek, developing a comparative case study between a cordel leaflet and a report from a printed newspaper. Thus, the research also aims to highlight cordel literature as a means of disseminating news, in which it ceases to be just one aspect of the literary genre, to assume an informative, critical and social character, within its traditional style and language.

**Keywords:** UNISECAL. Journalism, Literature of twine.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                           | <b>7</b>  |
| <b>1 - O QUE SÃO CORDÉIS? .....</b>              | <b>8</b>  |
| 1.1. JORNALISMO E CORDÉIS.....                   | 11        |
| <b>2- ANÁLISE .....</b>                          | <b>13</b> |
| <b>3 - JORNALISMO NO FORMATO DE CORDEL .....</b> | <b>19</b> |
| <b>4 - CONCLUSÃO .....</b>                       | <b>22</b> |
| <br>   |           |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                         | <b>24</b> |
| <br>   |           |
| <b>ANEXOS.....</b>                               | <b>27</b> |
| ANEXO 1 .....                                    | 27        |
| ANEXO 2 .....                                    | 28        |
| ANEXO 3 .....                                    | 29        |

## INTRODUÇÃO

*Sinto orgulho de ser o que sou e de onde vim.  
(BESSA, 2018)*

Vivendo em um país miscigenado, como ao longo da história é possível observar as diferentes formas de vinculação e propagação da informação, conforme os costumes e tradições dos que habitam determinada localidade. Desta maneira, ao olhar para o passado do jornalismo em terras brasileiras, no decorrer dos mais de 500 anos de história, o cordel é figura presente e viva.

A literatura de cordel tem seu lugar de destaque, uma vez que marcou, representou e deu voz às diversas classes sociais. Com maior notabilidade e presença principalmente nos estados do Nordeste, os folhetos chegavam tanto às pessoas mais bem sucedidas economicamente quanto às menos favorecidas ou com pouco estudo.

De acordo com Marco Haurélio (1974), o cordel que nasceu no século XII em Portugal foi trazido pelos portugueses ao Brasil e se tornou conhecido pela população por volta do século XVIII, como fonte de diversão e informação. Apesar das novas tecnologias, tais folhetos ainda se fazem presentes, nos dias atuais. Mesmo com menor alcance e valor social, os versos seguem o objetivo que lhes fora proposto inicialmente: transmitir história e informação.

Além de retratar casos e causos, histórias típicas do folclore e contos românticos, os versos de cordel também levavam conhecimentos e informações jornalísticas, transmitidas para seus consumidores no seu estilo próprio, com uma leitura de fácil entendimento, em meio as sextilhas<sup>1</sup> e ilustrações típicas do gênero, conhecidas como xilogravuras.

De tal modo, entendendo o papel do cordel e seu objetivo com a cultura e conhecimento das notícias pela sociedade, o estudo desenvolvido nesse artigo abordará sua funcionalidade enquanto meio de informação, dentro de suas características e particularidades.

Para entendê-lo como meio de comunicação verdadeira, durante o estudo de caso serão analisadas características jornalísticas comparativas entre um folheto de cordel e uma reportagem publicada em um jornal impresso, ambas sobre o mesmo fato histórico, o acidente que vitimizou o ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek.

<sup>1</sup> Estrofe de seis versos, cujos esquemas rimáticos podem ser variados.

## 1. O que são cordéis

*Cordel-literatura é a real expressão  
como fonte de cultura,  
ou melhor poesia pura  
(CAVALCANTE - 2000, p.37)*

Oriunda de Portugal, onde era chamada de “folhas volantes” ou “folhas soltas”, a literatura de cordel foi trazida para o Brasil, durante todo o processo de colonização, pelos portugueses, que além de exportarem artigos de garantia de sobrevivência em terra desconhecidas, trouxeram consigo elementos de lazer e cultura, o que lhes era proposto nos folhetos, que narravam fatos, amores e além de notícias oralizadas pelos imigrantes, como relata Marco Haurélio (1974, p. 11).

A origem e composição do cordel é retratada no folheto “Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país”, escrito pelo poeta Rodolfo Coelho Cavalcante (1984) (*Anexo 1*):

Cordel quer dizer barbante  
Ou senão mesmo cordão,  
Mas cordel-literatura  
É a real expressão  
Como fonte de cultura  
Ou melhor poesia pura  
Dos poetas do sertão

Na França, também Espanha  
Era nas bancas vendida,  
Que fosse em prosa ou em verso  
Por ser a mais preferida,  
Com o seu preço popular  
Poderia se encontrar  
Nas esquinas da avenida

Era em pequeno volume  
A edição publicada  
Tamanho 15 por 12  
Pra melhor ser consultada,  
Isso no século XVIII  
Depois de noventa e oito  
Foi aos poucos desprezada

No Brasil é diferente  
O Cordel-Literatura  
Tem que ser todo rimado  
Cem sua própria estrutura

Versificado em sextilhas  
Ou senão em septilhas  
Com a métrica mais pura(...)  
(CAVALCANTE, 1984, p. 1)

No decorrer da história, é impossível definir a data do primeiro contato do povo brasileiro com os versos de cordéis. O que se sabe é que tal literatura tem seu laço estabelecido de forma mais forte e visível no final do século XIX, em meio às mudanças vividas no Brasil no período.

Marco Haurélio (2018, p.9) diz que a literatura de cordel é a poesia popular, relacionando o gênero com os moldes em formatos e linguagens condizentes com os de seus consumidores:

Refiro-me, evidentemente, à literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gestas, mas também um espelho social do seu tempo. Com esta última finalidade, receberá o qualitativo – verdadeiro, porém reducionista – de ‘jornal do povo’.

Para Haurélio (2018), tal movimento ganhou espaço pela maneira como chegou e pela forte identificação do gênero narrado, de modo a preencher lacunas e agregar valor à cultura do povo da época. Dessa forma, apesar do processo de conhecimento acerca do cordel ter se espalhado pelo território brasileiro, foi nos estados do Norte e Nordeste que esta literatura ganhou força, ainda no final do século XIX.

O paraibano da cidade de Pombal, Leandro Gomes de Barros, considerado o maior poeta do gênero, é referência quando se fala em cordel. Mesmo com pouca escolaridade, Leandro foi pioneiro em transformar a produção e confecção dos cordéis em profissão, a partir do momento em que começou a escrever e vender seus versos em folhetins. Com produções envolvendo histórias, notícias e os próprios sentimentos de revolta com a vida, como no cordel ‘*As misérias da epocha*’:

Se eu soubesse que esse mundo  
Estava tão corrompido  
Eu tinha feito uma greve  
Porém não tinha nascido  
Minha mãe não me dizia  
A queda da monarquia  
Eu nasci, fui enganado

Pra viver neste mundo  
Magro, trapilho, corcundo,  
Além de tudo selado.(...)  
(BARROS, s.d.,s.p)

Para Marques (2011, p.327), as narrativas contadas do poeta foram além do século XX, alcançando diversas regiões do país:

Com maestria, sabia verter para a linguagem do folheto as notícias mais recentes, as pelejas, os romances históricos e de aventuras, as histórias de luta e de encantamento geralmente adaptadas do romanceiro popular.(...) Os primeiros folhetos teriam sido impressos em tipografias de jornal e só a partir de 1909-1913 começariam a funcionar tipografias de poetas populares.

Destacando a importância do gênero no aspecto cultural e histórico para milhares de leitores e demais pessoas que vivem em torno das produções, em 7 de setembro de 1988, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) foi fundada, com a 'missão de valorizar e preservar a memória da literatura de cordel, propiciando a reflexão e a formação de novos leitores'. Atualmente, a ABLC é composta por 40 membros e conta com cerca de treze mil folhetos e mil e trezentos títulos de temática da cultura popular, literatura de cordel, cultura nordestina e sertaneja em seu acervo.

Ainda como forma de salientar a importância dos folhetos noticiosos para a história e cultura, não só nordestina, em 19 de setembro de 2018 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) passou a reconhecer a literatura de cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Assim, ao longo da história, o cordel continuou desenvolvendo seu papel de transmitir diversão, cultura, expor críticas de questões sociais, cotidianas e do cenário político social, que precisavam ser informadas aos leitores. Além disso, a mídia alternativa desempenhou uma grande função no âmbito jornalístico: a de levar notícia aos lugares mais extremos e carente de conhecimentos. Envoltas de novas tecnologias, leitura e lazer, a literatura de cordel segue viva, de maneira forte e atual por meio dos cordelistas, abordando ainda histórias de amor e da vida, além de informações com temas cotidianos.

Exemplo disso são os versos do poeta Francisco Passos Santos (2020, p.1):

O novo coronavírus chegou aqui no estado  
Não é motivo pra pânico, mas é bom ficar ligado

Investir na prevenção e ser bem disciplinado  
Fique atento, vou dizer como é a precaução  
Pra o novo coronavírus preste muita atenção  
Se você fizer o certo ele não lhe pega não  
Lave as mãos bem lavadas, com detergente e sabão  
Use também álcool em gel para a higienização  
O vírus perderá forças para a proliferação.

Sendo este um jeito de ressaltar a contemporaneidade do cordel juntamente com sua função informativa, como visto nos versos acima, o autor buscou alertar e informar seus leitores sobre as formas de combate e cuidados pessoais contra o vírus da Covid-19, usando os folhetos como meio de comunicação clara, acessível e confiável.

### 1.1. **Jornalismo e cordéis**

*Muitas vezes saía da oficina,  
como notícia de impacto social.  
Foi aí que o cordel se fez jornal,  
a linguagem padrão e não a culta  
(GONÇALO, s.d)*

Acerca do que é notícia, Luiz Amaral (1982, p. 60 apud JORGE, 2006), diz que ela “é a informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas”. Para Lustosa (1996, p. 17), ela pode ser conceituada ainda como “produto colocado à venda e que atende à lógica e às exigências do mercado. É a técnica de relatar um fato”.

Com os versos eternizados em inúmeros cordéis, Alberto Perdigão (2021, p. 229) afirma que:

O cordel como mídia impressa, se estabelece como uma alternativa à mídia livro, que era uma mídia elitista, e à mídia jornal, que também era elitista - mídias que tinham suas funções e características distintas, mas que, na origem, eram semelhantes. O cordel surge como uma mídia alternativa e vai, com o tempo, firmando-se também como mídia popular.

Perdigão (2021, p. 54) aponta ainda que “os temas variam com o tempo: surgem, mantêm-se, ganham força, perdem interesse também, e, algumas vezes, desaparecem”. Deste modo, Dias e Albuquerque (2014), acrescentam:

O folheto de cordel, por promover a informação, é um suporte que tem por

finalidade facilitar o acesso à informação para as pessoas carentes de outros meios de comunicação, tais como: televisão, rádio, internet, entre outros (DIAS e ALBUQUERQUE, 2014, p. 12).

Destacando as produções de carácter jornalístico, José Ossian de Lima (1975) enfatiza que a literatura de cordel passa a ser um produto informativo “quando, ao invés de se preocupar com relatos épicos e amorosos, cuida da narrativa, do comentário, da crítica em torno dos eventos do cotidiano”.

Muitas vezes os conteúdos noticiosos contidos nos cordéis pecam pelas tendências sensacionalistas. Contudo, não deixa de ser uma forma de jornalismo, por mais rudimentar que pareça: faz do dia-a-dia a sua temática, numa mensagem dirigida a um receptor mais ou menos previsto. (LIMA, 1975, p. 30)

Desde seus primórdios, além de contos amorosos, o cordel sempre desempenhou um viés social. O folheto “O imposto e a Fome”, de autoria de Leandro Gomes de Barros (1909), é um clássico exemplo do cordel jornalístico dentro da literatura:

Disse o imposto --- isso é nada,  
O Brasil está todo exposto  
Emquanto existir governo  
Reina a fome e o imposto,  
Os presidentes de Estados  
Dizem ---- morram os desgraçados  
Ficando nós tudo é gosto. (...)

Justiça em ti não há mais  
Creio que morreu de desgosto,  
A lei ficou como um orphão  
Sem pae, sem mãe, sem encosto.  
O caracter foi embora  
Só conhecemos agora  
Política, fome e imposto.

Com relação a imposto  
Tenho um facto a registrar  
Um imposto escandaloso  
Que é obrigado a pagar,  
As coisas já vão tão boas  
Que o estado de Alagoas  
O sello vae se sellar.  
(BARROS, 1909 p. 3-4)

Na obra, escrita há mais de 100 anos, Barros (1909) se mantém atual no quesito de interesse público. Na época, o autor escreveu sobre o descaso do governo brasileiro com a situação de precariedade vivida pela população, com a fome e a morte

da justiça, ambas justificadas por ele: devido à ganância dos políticos com as altas cobranças de impostos, situação ainda real e vivida em pleno ano 2022.

De acordo com Dias e Albuquerque (2014), “algumas histórias narradas nos folhetos de cordel são embasadas em fatos reais”, podendo ser chamadas de “cordéis do acontecido” ou “cordéis de circunstância”.

As informações contidas nos folhetos de circunstância são de grande importância para a memória do povo, além de transmitir relatos históricos para o leitor que aprecia este tipo de literatura. O cordel é um suporte simples e de fácil acesso para todos, sem distinção de nível escolar ou financeiro (DIAS e ALBUQUERQUE, 2014, p. 2).

De tal maneira, os cordéis noticiosos assumiram papel informativo, aliando interesses e fatos a uma forma de linguagem tradicional e de fácil compreensão usada pelos escritores com valores acessíveis, ocasionando o acesso de diversas pessoas das mais variadas classes sociais à informação. Devido a isso, Perdigão (2021), explica que também o escritor passou a ser reconhecido.

O poeta-repórter, ou seja, o poeta que se dedica a escrever narrativas jornalísticas, ele não só faz uma notícia perfeita do ponto de vista do atendimento. (...) De uma maneira geral, pode-se dizer que o poeta-repórter é crítico, pois percebe exatamente o que acontece no País. (PERDIGÃO, 2021 s.n)

## 2. Análise

*Leiam com toda atenção  
do princípio até ao fim;  
onde navega a verdade (...)  
(CRUZ, s.d. p.2 )*

Conhecendo a história, estrutura e entendendo o cordel de circunstância como veículo de informação, é preciso observá-lo conforme a ótica jornalística, baseando-se no padrão de construção da notícia e veracidade dos fatos ali presentes.

Assim, este estudo propõe uma comparação entre um cordel informativo e uma notícia que tratam sobre o mesmo assunto, ambas divulgadas no mesmo período histórico. As narrativas analisadas são o cordel ‘*Morte de Juscelino Kubitschek*’, do poeta-repórter José Soares, escrito em agosto de 1976 (Anexo 2) e a reportagem do impresso Jornal da Tarde, do grupo O Estado de S. Paulo, com o título de ‘*A morte de Juscelino*’ (Anexo 3), publicada um dia após o ocorrido, em 23 de agosto de 1976.

De imediato, é notada a objetividade dos escritores já nos títulos das produções, compostos por um verbo no presente, remetendo à instantaneidade dos

fatos, seguidos do sujeito principal da ação, no caso, o ex-presidente, uma figura pública, de importância e conhecimento de todos. Por isso, o fato merecia e recebeu grande destaque na época. Desse modo, é visto que ambos apresentam uma estrutura simples, curta e direta, a fim de situar o leitor sobre o desenvolvimento do texto que viria na sequência.

Estabelecendo a relação entre o título e a narrativa, nos versos escritos em 24 de agosto de 1976, dois dias após o acidente que vitimou o ex-presidente da República e seu motorista, o cordelista descreve o ocorrido. Tal cordel foi apresentado pelo jornal impresso O Globo, de Recife, tendo a matéria intitulada de 'Em Pernambuco já há literatura de cordel lembrando a morte'.

A 24 de agosto  
Getúlio Vargas morreu  
A 24 de agosto  
Agamenon faleceu  
A 22 de agosto  
Juscelino pereceu (...)

No ano de 58  
Era líder na políticas  
Um cristão de lira cheia  
Não tinha a veia lunática  
Estou fazendo a sua imagem  
Não vão tomar como crítica.  
Político de nascimento,  
Quando foi vereador,  
Deputado estadual,  
Federal e senador  
Presidente da República  
O cargo de maior valor

Quando a notícia espalhou-se  
Pelo mundo universal  
Cobriu-se o Brasil de luto  
O Governo Federal  
Declarou o feriado  
Na mais nova capital (...)  
(SOARES, 1976. s.n.)

Ao observar as primeiras estrofes, nota-se que Soares (1976) pretende, além de transmitir a notícia central, ressaltar a vítima e seus feitos, com o intuito de criar conexões afetivas do leitor com o personagem principal, ao ligar a morte do político ao falecimento de outros personagens importantes, como o também ex-presidente Getúlio Vargas.

De tal forma, Ana Paula Goulart Ribeiro (2007, p. 31) relata bem o que

acontecia nos versos do cordel analisado:

A antiga técnica geralmente usava uma linguagem prolixa e pouco objetiva, narrando os acontecimentos a partir de uma ordem mais ou menos cronológica. Narração, comentário e análise se confundiam. (...) O lead – símbolo máximo do jornalismo moderno – veio substituir o nariz de cera, texto introdutório longo e rebuscado, normalmente opinativo, que antecedia a narrativa dos acontecimentos e que visava ambientar o leitor.

Acima, Ribeiro (2007) explica também a composição do *lead*, estrutura presente em grande parte das produções jornalísticas já nos primeiros parágrafos, como é observado no primeiro parágrafo da matéria ‘*A morte de Juscelino*’, publicada do Jornal da Tarde, do grupo O Estado de S. Paulo, no dia 23 de agosto de 1976:

Figura 1- Recorte lead publicação ‘*A morte de Juscelino*’

**Juscelino Kubitschek de Oliveira, o fundador de Brasília, o grande incentivador da indústria automobilística no Brasil, ex-prefeito de Belo Horizonte, ex-governador de Minas, ex-deputado federal, ex-senador e ex-presidente, morreu ao anoitecer, ontem, em um desastre de automóvel, na via Dutra, quando viajava de São Paulo para o Rio, na altura de Resende.**

Fonte: Jornal da Tarde – O Estado de S. Paulo (1976)

Pela composição e formatos de escrita diferente do que se vê nos cordéis, na matéria do jornal impresso, os questionamentos presentes no *lead* são facilmente encontrados, como demonstrado na tabela seguinte:

Tabela 1 - O lead e suas respostas na matéria do jornal impresso

| <b>Perguntas do lead</b> | <b>Respostas do lead na reportagem</b> |
|--------------------------|--|
| Quem?                    | Juscelino Kubitschek                   |
| O que?                   | Faleceu                                |
| Quando?                  | Ao anoitecer de ontem                  |
| Onde?                    | Na via Dutra                           |
| Como?                    | Em um desastre de automóvel            |
| Por quê?                 | Porque viajava de São Paulo para o Rio |

Fonte: A autora

Retomando ao relato no cordel de José Soares, tais informações se fazem

presente nas estrofes seguintes:

Ele vinha de São Paulo  
Às 7 e vinte minutos  
Depois que passou Resende  
Pra chegar num viaduto  
Um estampido e depois  
Um silêncio absurdo

Vinha em sentido contrário  
Uma carreta na pista  
Chocou-se com seu Opala  
Matou o ex-extadista  
E morreu também na hora  
Geraldo seu motorista.

Seus corpos ficaram presos  
Entre a pista e a ferragem  
Cobriram a pista de sangue  
Os dois corpos e a bagagem  
A quem ficou se chamado  
A malograda viagem

Os corpos foram levados  
a pedra do necrotério  
na cidade de Resende  
em estado deletério  
e depois para Brasília  
pro salão do cemitério. (...)  
(SOARES, 1976. s.n.)

Além de responder às questões sugeridas no *lead*, mesmo que ao longo do texto e não de forma imediata como no impresso, o poeta-repórter relata os fatos com detalhes precisos, que prendem a atenção e despertam interesse do leitor, para que a leitura do cordel se dê até o fim.

Tabela 2 - Respostas do lead encontradas no cordel analisado

| <b>Perguntas do lead</b> | <b>Respostas do lead no cordel</b>                  |
|--------------------------|---|
| Quem?                    | Juscelino   |
| O que?                   | Pereceu   |
| Quando?                  | A 22 de agosto, (...)<br>Às 7 e vinte minutos       |
| Onde?                    | Depois que passou Resende<br>Pra chegar num viaduto |
| Como?                    | Uma carreta na pista                                |

Chocou-se com seu Opala

Por quê?

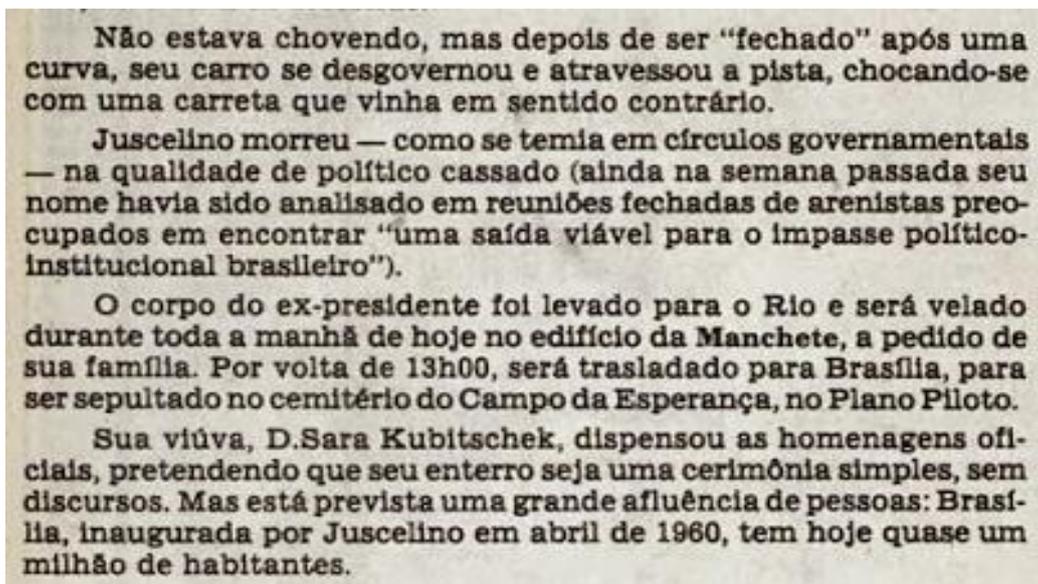
Ele vinha de São Paulo

---

Fonte: A autora

Continuando na leitura da reportagem do impresso, esta, por sua vez, segue descrevendo as informações apuradas.

Figura 2 – Continuação da matéria ‘A morte de Juscelino’



Não estava chovendo, mas depois de ser “fechado” após uma curva, seu carro se desgovernou e atravessou a pista, chocando-se com uma carreta que vinha em sentido contrário.

Juscelino morreu — como se temia em círculos governamentais — na qualidade de político cassado (ainda na semana passada seu nome havia sido analisado em reuniões fechadas de arenistas preocupados em encontrar “uma saída viável para o impasse político-institucional brasileiro”).

O corpo do ex-presidente foi levado para o Rio e será velado durante toda a manhã de hoje no edifício da Manchete, a pedido de sua família. Por volta de 13h00, será trasladado para Brasília, para ser sepultado no cemitério do Campo da Esperança, no Plano Piloto.

Sua viúva, D.Sara Kubitschek, dispensou as homenagens oficiais, pretendendo que seu enterro seja uma cerimônia simples, sem discursos. Mas está prevista uma grande afluência de pessoas: Brasília, inaugurada por Juscelino em abril de 1960, tem hoje quase um milhão de habitantes.

Fonte: Jornal da Tarde – O Estado de S. Paulo (1976).

Assim como o *lead*, a estrutura da pirâmide invertida é percebida em ambos os conteúdos jornalísticos analisados, onde as informações principais são encontradas no início das produções, deixando para o final demais elementos, julgados pelo escritor como não tão relevantes, a fim de ilustrar ou noticiar algo ainda sobre o tema. Com isso, a primeira parte da reportagem do Jornal da Tarde é encerrada, já não falando mais do personagem central, e sim de fatos secundários. No caso em questão, estes fatos são os planos da sua esposa para o velório e sepultamento do ex-presidente e as possíveis manifestações populares.

À vista disso, José Soares encerra sua produção retomando a ideia inicial desenvolvida no *lead*, quando adequa a frase de Getúlio Vargas para a vítima do acidente, na tentativa de interligar a figura de Juscelino à do ex-presidente citado anteriormente.

JK deixou a vida  
Mas entrou para a história  
A sua fé era um mito  
Que nos ficou na memória  
Ressoando em nossa mente  
O seu pasado de glória.  
(SOARES, 1976. s.n.)

Fazendo uma analogia entre o cordel '*Morte de Juscelino Kubitschek*' e a matéria escrita do Jornal da Tarde, '*A morte de Juscelino*', é possível observar que, nas duas narrativas, a verdade e comprometimento dos fatos é prezada pelos escritores.

Os fatos contados pelo poeta-repórter não mentem sobre o ocorrido, mesmo que em alguns momentos possam ser caracterizados como sensacionalistas, devido à riqueza de detalhes expostos nos versos do cordel.

Seus corpos ficaram presos  
Entre a pista e a ferragem  
Cobriram a pista de sangue  
Os dois corpos e a bagagem (...)  
(SOARES, 1976 s.n.)

A respeito disso, Ramos (2013 p. 212), citou o que Pedroso (1983) disse sobre o sensacionalismo, sendo considerado por ele um “destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos”.

Para a construção de uma notícia e ou de um cordel de circunstância, é necessário ainda levar em conta os critérios de noticiabilidade, onde Silva (2018 p.4) salientou que em muitas situações, eles podem demandar de acordo com “abordagens de diversas ordens, ora mais teóricas, mais práticas e operacionais, ora mais políticas, ideológicas ou outras”. Silva (2005) os elencou nas seguintes instâncias:

1) critérios de noticiabilidade na origem do fato (seleção primária dos fatos / valores-notícia), com abordagem sobre atributos como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade etc; 2) critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos, centrados na seleção hierárquica dos fatos e na produção da notícia, desde condições organizacionais e materiais até cultura profissional e relação jornalista-fonte e jornalista-receptor; e 3) critérios de noticiabilidade na visão dos fatos, sobre fundamentos ético-epistemológicos: objetividade, verdade, interesse público etc. (SILVA, 2005 p. 95)

Ao relacionar os pontos citados por Silva (2005), é visível que ambos os veículos se ativeram aos principais critérios elencados. Aqui vale ressaltar a

instantaneidade obtida pelo jornal impresso, devido a rápida tiragem e produção da reportagem.

### 3. **Jornalismo no formato de cordel**

*É impressionante a capacidade que o cordel tem de narrar a realidade do cotidiano, o mundo vivido.*  
(PERDIGÃO, 2021)

Sabendo da importância e do grande alcance que os folhetos de cordel tinham para com seus consumidores, em especial da região Norte e do Nordeste, nos livros impressos, os leitores encontravam mais do que versos e rimas, mas também histórias e informações que se faziam presentes.

Explorando as ramificações dentro da literatura de cordel, Alberto Perdigão (2021) defende que “o cordel informativo, pode ser chamado, normalmente, de cordel de acontecidos, cordel de circunstância, cordel de ocasião ou cordel de notícia”. Desta forma, Alyne Ricarte (2010) ressalta “que o cordel de circunstância ao mesmo tempo que noticia os fatos, também os registra, cumprindo o lugar de comunicador e de preservação da memória”.

O papel do Cordel comunicador e de preservação da memória é uma das características da estrutura da literatura de Cordel de circunstância, destacando-a como o tipo que utiliza acontecimentos históricos da atualidade como referência para suas poesias comparando-os com notícias circuladas na mídia (RICARTE, 2010, p. 147).

Portanto, ao associar a notícia com as produções de cordel, é possível considerar diversos folhetos como meios de informação jornalísticas, sendo eles adaptados ao meio, tempo, lugar e ao seu público consumidor.

O importante é que o folheto não se limita à simples narrativa ou descrição. Fez também um jornalismo interpretativo e/ou opinativo, o que aumenta a importância de cada obra como peça para estudos sociológicos, já que reflete melhor a cosmovisão do povo em torno dos mais diversos assuntos (LIMA, 1975, p.31).

Ainda de acordo com Lima (1975, p.29), os cordéis funcionam como intermediadores no processo de comunicação, distinguidos por Alberto Perdigão (2021) da seguinte maneira:

Pela capacidade de representar a realidade, apesar de que serem formados

também por fatos de ficção, que compõe o conteúdo e tem sua importância para o meio divulgado, sendo este um contrapeso, um diálogo, uma interface que vai legitimando a realidade representada. (...) É isso que impressiona no cordel informativo, que pode ser chamado, normalmente, de cordel de acontecidos, cordel de circunstância, cordel de ocasião ou cordel de notícia. Esse folheto se diferencia pela capacidade de representar a realidade. Não que a ficção não seja importante, pois é um contrapeso, um diálogo, uma interface que vai legitimando a realidade representada (PERDIGÃO, 2021, s.p.).

Em se tratando dos critérios de noticiabilidade, o cordel usa da instantaneidade em diversos momentos, com situações que precisam de fato serem informadas e compartilhadas naquele espaço de tempo. Contudo, temáticas chamadas no jornalismo tradicional de pautas frias<sup>1</sup> também são abordadas nos versos.

Exemplo claro disso são as inúmeras narrativas que ressaltam a situação de vida do povo, envolvendo temáticas relacionadas à fome, desigualdade social e à falta de responsabilidade dos políticos para com o povo. O cordelista Francisco das Chagas Baptista (s.d.) ilustra o caso:

Findou-se a fartura  
E a crise chegou,  
Dizendo: -- Aqui estou,  
Se alguém me procura  
Sou mãe da amargura,  
Irmã da desgraça  
Toda minha raça  
Vem junto commigo  
A quem eu persigo:  
O meu povo abraça! (...)

E assim a humanidade,  
Morre de velha esperando...  
Vamos de mal a pior!  
A crise segue aumentando...  
Nosso senhor – o governo—  
Novos impostos criando  
(BAPTISTA, s.d, p. 2 - 7).

Ainda sobre os critérios de noticiabilidade, em seus estudos, o alemão Otto Groth (2011) concluiu que existem também quatro características, que podem diferenciar o que é ou não um meio jornalístico, sendo eles “a periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade”.

Relacionando os pontos citados por Groth (2011), ao analisar os livros de cordel, a periodicidade é algo que pode ser vista nas produções, embora em

<sup>1</sup> É a narrativa de um acontecimento que não tem urgência em ser publicada, podendo ser também chamada de pauta não-factual.

comparação com os jornais impressos, estes apresentem uma breve vantagem, devido à instantaneidade do conhecimento das notícias, além da agilidade na impressão e na circulação das folhas impressas.

Contudo, em tempos digitais, Figaro e Nonato (2021, p. 6) argumentam que a periodicidade, defendida por Groth, é algo que restringe as práticas produtivas do jornalismo atual, as correlacionando com “a noção de tempo como periodicidade, ou seja, tempo estruturado e demarcado”.

A periodicidade tem a ver com a industrialização do jornalismo, com um tipo de maquinaria, com determinado modelo de negócio. O termo está vinculado à noção de tempo, ao relógio, que delimita o deadline para a conclusão, publicação e circulação das notícias. (...) O domínio do discurso jornalístico estava mais bem demarcado de outros domínios discursivos, por exemplo, o espaço da publicidade (FIGARO, NONATO, 2021, p.3).

Seguindo nas características relacionadas por Otto Groth, na universalidade e atualidade, os cordéis e os periódicos se enquadram nos critérios de Groth, quando são observados os ‘inúmeros fatos, visões, ideias, que de outra forma ficariam retidos’ e passam a serem divulgados para todos os públicos, com seus formatos e linguagens próprias para expressar tais ocorridos.

Conforme citado por Reis e Reis, (2019 p.146), Groth diz que os jornais produzidos de forma secreta e sigilosa, deixam de ser jornais quando escolhem seus leitores e chegam ao conhecimento de determinada parte do público, pois sua mensagem passa a ser de caráter direcionado e confidencial.

De tal maneira, Reis e Reis (2019) explicam o que Groth defendia como ‘o direito de acessibilidade’:

Caso um editor produza conteúdo de forma periódica com caráter atual e universal e o deseje tornar público, será considerado jornal mesmo que não tenha nenhum leitor consumidor. A razão dessa característica está, de fato, no direito de acessibilidade a todos (GROTH apud REIS, REIS, 2019, p.146).

Aliando o conceito de acessibilidade proposto por Groth, do mesmo modo como o jornal, o papel desenvolvido pelos folhetos de cordel também pode ser considerado como um meio de informação jornalística.

Apesar da grande rede de alcance e número de consumidores da notícia, é perceptível que, de pronto, o gênero não acompanhou o desenvolvimento das mídias e não obteve tamanha grandeza como os demais canais informativos, chegando a ser dado por muitos com uma literatura morta.

Perdigão (2021 s.p.) explica que a literatura nunca objetivou riquezas em sua cadeia produtiva, não sendo ele um produto de massa, e sim um meio alternativo. “Agora, o valor que ele tem é diferente do preço que ele tem e da lucratividade que pode proporcionar” (PERDIGÃO, 2021).

Atualmente, a valorização da literatura de cordel no país vai além dos estados das regiões Norte e Nordeste. Desde as mais variadas poesias *on-line*, das antigas até as atuais, estar disponível na internet é um fato grandioso para os cordelistas. Esta presença promove um maior acesso e conhecimento à cultura, quanto ao crescente número de novos poetas e consumidores. Alyne Ricarte (2010) diz que “o cordel ganhou um novo rosto, muitas poesias são publicadas em páginas da Internet e possuem uma ampla busca”.

Isso demonstra, o interesse de jovens urbanos e com grau de escolaridade, a maioria do público que tem acesso à Internet, à esta Literatura que já foi tida como do meio rural e com produtores e leitores não alfabetizados (RICARTE, 2010, p. 152).

Logo, nota-se a importância na valorização da cultura da literatura de cordel, sabendo que as histórias contadas nos cordéis de acontecimento são formas de retratação e arquivo material da história. Por isso a busca em preservar e atualizar este veículo de comunicação em meios as novas tecnologias e acontecimentos.

#### **4. Conclusão**

*Opinião popular  
e que a nossa literatura  
como universal cultura  
faz questão de registrar. (...)  
(DA SILVA, 1996, p.1)*

Visto como objeto da cultura, a literatura de cordel é um meio de transmissão de informações, atuando como canal jornalístico. São registros históricos sobre acontecimentos documentados de maneira única e particular, seguindo o olhar do poeta-repórter.

Em meio às inúmeras fontes de consumo cultural e de jornalismo, o cordel permanece através das gerações e apesar das adaptações necessárias em meio às novas tecnologias, mas sem esquecer de suas características típicas e próprias.

De tal forma, a sua permanência é fundamental para a história e memórias de muitos leitores, já que em seus versos e sextilhas estão registrados diversos eventos que narram episódios dos mais variados segmentos, desde amores e contos até

acontecimentos importantes no cenário local.

Consequentemente, ao observar a matéria do jornal impresso em comparação com o cordel de ocasião analisado, foi claramente visto no folheto a fidelidade sobre a realidade dos fatos narrados. Em nenhum momento qualquer um dos documentos foi contraditório com os dados, e não hesitaram em retratar a verdade ou se omitiram da situação em questão, apesar de o tema abordado ser um assunto delicado e de grande relevância.

Entretanto, também foi observado que, embora o cordel informe fielmente, o gênero segue uma linha poética e, por isso, pode ser desprender de diretrizes, indo além do que prevê o Código de Ética do Jornalista, em vigor desde 1987 e que regula normas, direitos e deveres para os profissionais da área. A presença de alguns versos no cordel '*Morte de Juscelino Kubitschek*' pode ir contra o que prevê o código.

De pronto, nota-se o desrespeito ao Art. 11º, parágrafo II, que diz que o jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista, especialmente em cobertura de crimes e acidentes. Em alguns versos do cordel, a forma com que informações e detalhes sobre o acontecimento foram retratados, soou de maneira errônea, expondo as vítimas. Esses fatos não estão aptos a estar em uma matéria publicada por outro meio jornalístico, podendo ser interpretados de uma maneira errada, um tanto quanto apelativa.

Apesar disso, é visto o papel que, por vezes, os folhetos de tal literatura assumem perante as leis do código de ética do jornalista. O cordel de circunstância tem como parâmetro o Art 1º, que ressalta o direito fundamental do cidadão à informação, assim como o direito de informar, de ser informado e de ter acesso a ela, mesmo que de forma alternativa.

Evidencia-se então a magnitude dos livros de cordel na transmissão de notícias em períodos tão diferentes da história, onde nem sempre todos têm acesso a fontes de informação confiáveis. Em outras épocas, muitos não tinham o menor contato com jornais impressos, rádio ou televisão. Com sua linguagem própria, simples e com valores acessíveis, os folhetos conseguiam chegar às mais variadas classes sociais, tendo maior alcance justamente entre a população com menos estudo e aporte financeiro, garantindo-lhes a lei do direito de acesso à informação.

Por fim, pode-se concluir que o cordel de circunstância pode ser considerado, sim, uma ramificação do jornalismo, adequado à época e ao lugar de circulação. Como

já destacado, ele exerce o papel de informar a todos, sem distinção de classe ou gênero, aliado à sua grande rede de alcance para que, sempre que possível, ele transmita informações corretas e necessárias, ainda que estas possam ser não tão atuais e instantâneas como ocorre no jornal impresso, canais de televisão, rádio ou sites da internet, devido ao tempo que o cordel demanda para sua produção, divulgação e circulação.

## REFERÊNCIAS

ACERVO OGLOBO. **JK morreu num desastre de automóvel, na Via Dutra, em 22 de agosto de 1976.** [S.l.] 2013. Disponível

em: <[https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/jk-morreu-num-desastre-de-automovel-na-via-dutra-em-22-de-agosto-de-1976-11024050?utm\\_campanha=ebook](https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/jk-morreu-num-desastre-de-automovel-na-via-dutra-em-22-de-agosto-de-1976-11024050?utm_campanha=ebook)> Acesso em: 26 out 2022.

AGÊNCIA BRASIL. **Literatura de Cordel é reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil.** Brasília, 2018. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>> Acesso em: 06 ago 2022.

BARROS, Leandro Gomes de. **O imposto e a Fome.** Recife, PE, 1909. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ruicordel&pagfis=975>> Acesso em: 21 set 2022.

BAPTISTA, Francisco das Chagas. **Victimas de crise.** Recife, PE [s.d.] [s.n] Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/3738>> Acesso em: 03 out 2022.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas leras de nosso país.** [S.l.] 1984. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&Pesq=leandro&id=66760930813&pagfis=50615> Acesso em: 9 ago 2022.

DIAS, Karcia Lúcia Oliveira; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Aconteceu virou cordel: análise de folhetos de cordel sobre a morte de Getúlio Vargas à luz da verossimilhança.** Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S.l.], v. 19, n. 41, p. 1–22, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p1>> Acesso em: 25 set 2022.

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros.** Vitória, 2007. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>> Acesso em: 06 out 2022

FERREIRA, Giovandro Marcus; DALMONTE, Edson Fernando. **Webjornalismo, critérios de noticiabilidade e efeitos de sentido.** UNIMAR, Salvador, BA – Nov.

2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/1803>> Acesso em 26 set 2022.

FIGARO, Roseli e NONATO, Cláudia. **Ainda Existe Periodicidade no Jornalismo? O Regime de Publicação na Lógica do Processo Produtivo do Jornalismo Digital**. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, set. 2021. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003071579.pdf>> Acesso em: 15 out 2022.

G1. **Poeta usa literatura de cordel para ajudar no combate ao novo**. Sergipe, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/03/23/poeta-usa-literatura-de-cordel-para-ajudar-no-combate-ao-novo-coronavirus.ghtml> Acesso em: 16 ago 2022.

GADINI, S. L. “**O cordel é uma mídia alternativa, popular e contra-hegemônica**”, defende **Alberto Perdigão**. Revista Internacional de Folk comunicação, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 299–310, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19305>> Acesso em: 6 ago 2022.

GUIA DAS ARTES. **Academia Brasileira de Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro (s.d.) Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/rio-de-janeiro/rio-de-janeiro/academia-brasileira-de-literatura-de-cordel> Acesso em: 11 set 2022.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. [S.l.]. Editora Claridade, 2018. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=vHFOdWAAQBAJ&lpg=PT4&dq=literatura%20cordel%20&lr&hl=pt-BR&pg=PT4#v=twopage&q&f=true>> Acesso em: 03 set 2022.

IDENTIDADE 85. **Fotos do Acidente de Juscelino Kubitschek**. [S.l.] 2013. Disponível em: <http://www.identidade85.com/2013/12/fotos-do-acidente-de-juscelino.html> Acesso em: 26 set 2022.

JORGE, Tais de Mendonça. **A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa**. UNIrevista, v.1, n° 3, jul. 2006. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5564577/mod\\_resource/content/0/Thais%20de%20Mendonca%20Jorge\\_Vlor%20Noticia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5564577/mod_resource/content/0/Thais%20de%20Mendonca%20Jorge_Vlor%20Noticia.pdf)> Acesso em 09 ago 2022.

LIMA, José Ossian – **Cordel e Jornalismo**. [S.l.], 1975. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51138/1/1975\\_art\\_jolima.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51138/1/1975_art_jolima.pdf)> Acesso em: 11 set 2022.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília, Universidade de Brasília, 1996.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. **O Poeta Popular Leandro Gomes de Barros e a Sátira ao Discurso Burguês-Militarista no Contexto da Primeira República**. Revista Miscelânea, Assis, - UNESP – Campus de Assis. vol.9, jan./jun. 2011. Disponível em <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/488/593>> Acesso em: 11 set 2022.

OLIVEIRA, Débora Motta de. **Jornalismo-arte na literatura de cordel**. Rio de Janeiro, 2007.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**. Fundamentos da Ciência dos Jornais. Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011

PERDIGÃO, Alberto M. **O folheto de política na literatura de cordel: a peleja da querela com o esclarecimento na classificação temática**. RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 19, Número 42, p.50-70, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19292/209209215267>> Acesso em: 21 set 2022.

PERDIGÃO, Alberto M. **O folheto da literatura de cordel como mídia informativa: uma revisão bibliográfica sobre o “jornal do sertão”**. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, 2021 - 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-fk/alberto-perdigao.pdf>> Acesso em: 16 ago 2022.

RAMOS, Roberto José, **Diário Gaúcho: Discurso e Sensacionalismo**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.28, p. 208-226, jul 2013. Disponível em: <[https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9886/2/Diario\\_Gaucha\\_Discurs\\_o\\_e\\_Sensacionalismo.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9886/2/Diario_Gaucha_Discurs_o_e_Sensacionalismo.pdf)> Acesso em: 15 out 2022.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 5, n. 1, 2009. Disponível em: <[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/1159](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1159)> Acesso em: 26 set 2022.

RICARTE, Alyne Virino. **Notícia em Cordel —A trajetória da informação jornalística abordada nos Cordéis de Circunstância de Fortaleza**. Faculdades Cearenses em Revista, Fortaleza, v.2, n.2, p. 145-159, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://www.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol2-2-2010/artigo9.pdf>> Acesso em: 26 set 2022.

REIS, Rodrigo Nascimento e REIS, Thays Assunção. **Tensões e Convergências entre a Teoria da Agenda e as Características Centrais da ‘Ciência dos Jornais’**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ. Março 2019, Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/46589/27792>>. Acesso em: 15 out 2022.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. UFSG. 2005 Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/%25x>> Acesso em: 15 nov 2022.

SILVA, Gislene. **A Engrenagem da Noticiabilidade do Meio Do Redemoinho**. Revista Observatório , [S. l.], v. 4, n. 4, p. 308–333, 2018. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p308. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5502>> Acesso em: 15 nov. 2022.

**ANEXOS**

## Anexo 1

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante  
TROVADOR BRASILEIRO  
Origem da Literatura de Cordel e a  
sua Expressão de Cultura nas Letras  
de nosso País.

Cordel- quer dizer Barbante  
Ou senão mesmo Cordão,  
Mas Cordel-Literatura  
É a real expressão  
Como fonte de Cultura  
Ou melhor: poesia pura  
Dos Poetas do sertão.

Na França, também Espanha  
Era nas Bancas vendida,  
Que fosse em prosa ou em verso  
Por ser a mais preferida,  
Com o seu preço popular  
Poderia se encontrar  
Nas esquinas da Avenida  
Era em pequeno volume  
A edição publicada,  
Tamanho 15 por 12  
Pra melhor ser consultada,  
Isso no Século XVIII  
Depois de noventa e oito  
Foi aos poucos desprezada.

No Brasil é diferente  
O Cordel-Literatura  
Tem que ser todo rimado  
Com sua própria estrutura-  
Versificado em sextilhas  
Ou senão em septilhas  
Com a métrica mais pura.

Anexo 2:

## *Em Pernambuco já há literatura de cordel lembrando a morte*

RECIFE (O GLOBO) — Em oito páginas e 28 estrofes de seis versos, o poeta popular pernambucano José Soares, mais conhecido como o "poeta-repórter", lançou ontem, ao preço de Cr\$ 2,00 o folheto de cordel "A morte de Juscelino Kubitschek", no qual, além de narrar a morte do ex-Presidente, recorda sua carreira política.

José Soares inicia o folheto referindo-se aos azares do mês de agosto: "A 24 de agosto/ Getúlio Vargas morreu/ a 24 de agosto/ Agamenon faleceu/ a 22 de agosto/ Juscelino pereceu." Na estrofe seguinte lamenta a morte do ex-Presidente: "Acabou-se Juscelino/ estadista brasileiro/ Presidente do Brasil/ filho do torrão mineiro/ quando a sede do Brasil/ era no Rio de Janeiro."

A partir da terceira página, lembra a carreira política do Juscelino Kubitschek: "No ano de 58/ era líder na política/ um cristão de lira chela/ não tinha a vela lunética/ estou fazendo a sua imagem/ não vão tomar como crítica." Na estrofe seguinte completa: "Político do nascimento/ quando foi vereador/ deputado estadual/ federal e senador/ Presidente da República/ o cargo de maior valor."

A partir daí passa a falar sobre o acidente: "Quando a notícia espalhou-se/ pelo mundo universal/ cobriu-se o Brasil de luto/ o Governo federal/ declarou o feriado/ na mais nova capital."

"Ela vinha de São Paulo/ às 7 e vinte minutos/ depois que passou Resende/ pra chegar num viaduto/ um estampo e depois/ um silêncio absoluto". "Vinha em sentido contrário/ uma carreta na pista/ chocou-se com seu Opala/ matou o ex-estadista/ e morreu também na hora/ Geraldo seu motorista".

A narração da tragédia prossegue: "Seus corpos ficaram presos/ entre a pista e a ferragem/ cobriram a pista de sangue/ os dois corpos e a bagagem/ a quem ficou se chamando/ a malograda viagem".

"Os corpos foram levados/ a pedra do necrotério/ na cidade de Resende/ em estado deletério/ e depois para Bra-



### **A capa do folheto**

silva/ pro saão do cemitério".

Lembra José Soares que Dona Sarah não quis acreditar na notícia e só teve certeza da morte do marido quando foi avisada por Adolfo Bloch; que Márcia e Maristela, ao tomarem conhecimento do fato, ficaram em "pan-darela"; que Renato Costa Lima ficou "em estado de loucura", e que a secretária de Juscelino, Edna Andrade, recebeu ordens para "remover o cadáver do paião".

Antes de encerrar o folheto, o "poeta repórter" recorda que Juscelino teve alguns de seus atos discutidos e criticados: "Diziam que JK/ durante a sua gestão/ fez a nossa capital/ sem a mínima precisão/ e com gastos astronômicos/ sacrificou a nação". E conclui: "JK deixou a vida/ mas entrou para a história/ a sua fé era um mito/ que nos ficou na memória/ ressoando em nossa mente/ o seu passado de glória".

José Soares é popular por sua capacidade de transformar rapidamente qualquer acontecimento noticiado por jornais e revistas em versos de literatura de cordel. Suas obras mais conhecidas são "A renúncia de Jânio Quadros", "A lamentável morte de Dom Expedito" e a "A morte de Cary Chessman".

Anexo 3:

10 — JORNAL DA TARDE

Segunda-feira, 23-8-76 — O ESTADO DE S. PAULO

# Morte de Juscelino

Juscelino Kubitschek de Oliveira, o fundador de Brasília, o grande incentivador da indústria automobilística no Brasil, ex-prefeito de Belo Horizonte, ex-governador de Minas, ex-deputado federal, ex-senador e ex-presidente, morreu ao amanhecer, ontem, em um desastre de automóvel, na via Dutra, quando viajava de São Paulo para o Rio, na altura de Resende.

Não estava chovendo, mas depois de ser "fechado" após uma curva, seu carro se desgovernou e atravessou a pista, chocando-se com uma carreta que vinha em sentido contrário.

Juscelino morreu — como se temia em círculos governamentais — na qualidade de político cassado (ainda na semana passada seu nome havia sido analisado em reuniões fechadas de arenistas preocupados em encontrar "uma saída viável para o impasse político-institucional brasileiro").

O corpo do ex-presidente foi levado para o Rio e será velado durante toda a manhã de hoje no edifício da Manchete, a pedido de sua família. Por volta de 13h30, será trasladado para Brasília, para ser sepultado no cemitério do Campo da Esperança, no Plano Piloto.

Sua viúva, D. Sara Kubitschek, dispensou as homenagens oficiais, pretendendo que seu enterro seja uma cerimônia simples, sem discursos. Mas está prevista uma grande afluência de pessoas: Brasília, inaugurada por Juscelino em abril de 1960, tem hoje quase um milhão de habitantes.

## O Desastre: os motoristas choravam. Era Juscelino.

A princípio, o mesmo cenário comum na via Dutra: às 10h40, um Opala, fechado por um cambio de óleo, atravessou o canteiro e colidiu com a lateral esquerda de um ônibus, placa ZR-9038, de Santa Catarina, dirigida por Ladislau Borges, que vinha no sentido Rio-São Paulo. Os motoristas de caminhões e carros de passeio paravam no acostamento para ver as consequências de um acidente sempre o impo da colisão tirou o Scania da pista, jogando-o numa valleta arrastando contêineres ferragens do Opala, placa NY-9232, cor chumbo, teto de vinil.

Entre as ferragens, dois corpos irrecogníveis. Quando a Polícia Rodoviária Federal recebeu o chamado pelo rádio — transmissão pelo posto de pedágio — para atender ao acidente do km 185, entre Itatuaia e Resende ninguém sabia ainda que uma das vítimas era o ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek. Os próprios patrulheiros rodoviários não o reconheceram.

Quando começaram a recolher os documentos, a cédula de identidade de uma das vítimas revelou a tragédia. Mesmo assim, ninguém queria acreditar. Um motorista chegou a levantar a hipótese do carro ser roubado, porque a placa não correspondia à indicada na Taxa Rodoviária. Única encontrada no bolso do motorista. Assim, os documentos também podiam ser roubados.

Mas esta esperança durou pouco. Dezenas e dezenas de motoristas começaram a chorar.

Os corpos ainda presos nas ferragens e choravam, enquanto a Polícia Rodoviária chamava a delegacia de polícia de Resende e o corpo de bombeiros.

Juscelino saiu de São Paulo às 11h e não quis ir de avião para o Rio, para poder parar na fazenda de um amigo, em Esapebeteiro Passos.

O acidente ocorreu numa pequena reta, logo após uma curva fechada e entre duas pontes — os motoristas chamam o trecho de "serpentina" — próximo a Engenheiro Passos, a quatro quilômetros do posto fiscal de Nhangapi. Motoristas que assistiram ao desastre afirmaram que o Opala descia a "serpentina" em alta velocidade, quando foi fechado e se desgovernou: atravessou a pista, passou além da carreta e foi bater em seu lado direito. Segundo eles, se o motorista do Opala tivesse conseguido controlar o carro nesse momento, passaria pelo acostamento. A morte foi instantânea. Pelos documentos encontrados, ocorreu pertença ao próprio motorista do expresso — Geraldo Ribeiro. Uma ambulância recolheu os corpos de Juscelino e seu motorista para o necrotério de Resende. O motorista da carreta, com o braço quebrado, foi removido para a Santa Casa da cidade.

Por volta das 10h, delegacia de polícia de Resende confirmou a morte de Juscelino. A medida que a notícia se espalhou, um grande congestionamento começou a bloquear toda a estrada na região.

que entendessem o momento difícil que estava passando e não a fotografassem, "só a quem deus".

Segundo dona Odete Lemos, casada de Juscelino, o corpo vai ser velado até às 13h30 de hoje no Mausoléu de Arte Moderna do Rio, depois trasladado para Brasília, onde será sepultado, como era desejo de Juscelino.

Dona Sara, disse que quer o enterro simplificado, dispensando as homenagens oficiais. Negro de Lima, bastante emocionado com a notícia da morte, só conseguiu dizer que o Brasil perdeu "um dos seus maiores estadistas".

No Instituto Médico Legal, onde o corpo estava sendo guardado na madrugada de hoje, além de jornalistas só estavam o embaixador Paschoal Carlos Magno, que declarou que o Brasil perde "o maior dos brasileiros, o maior de todos os presidentes". Disse ainda que os estadistas devem chorar a sua morte, porque nunca tiveram um diálogo como no tempo de Juscelino, e anunciou que vai lançar o livro "JK. Espetáculo Humano".

que doou à Academia de Letras. Deles constam toda a sua correspondência e documentos que ele considerava importantes. Esses arquivos, que foram doados logo após a Revolução de 64, foram apreendidos pela polícia.

Juscelino me disse que tinha certeza de que o arquivo não tinha sido destruído e que ainda tinha esperança de revê-lo.

Juscelino ainda conversou com o deputado sobre um livro que iria escrever em breve, sobre seu período de exílio, dizendo que esse livro seria publicado depois de sua morte.

Quando do seu período como presidente, Juscelino comentou: — Tive grandes dificuldades, mas um dos meus pontos altos foi passar a faixa presidencial para um jovem político.

Como o senador Franco Montoro, o ex-presidente falou da dificuldade que teve para editar seu último livro, que, depois de entregue ao editor, ficou um longo tempo esperando liberação.

Como o senador Franco Montoro, o ex-presidente falou da dificuldade que teve para editar seu último livro, que, depois de entregue ao editor, ficou um longo tempo esperando liberação.

Juscelino falou também dos seus arqui-



Juscelino lázeser 74 anos no preleito da 12 de setembro.



Dona Sara, já vestindo luto, e amigos que foram vê-la.



O apartamento de Juscelino logo arruou-se de gente.

## A comoção nos meios políticos

A notícia da morte do ex-presidente começou a circular em Brasília, pouco depois das 22.00 horas através de noticiários extraordinários, das emissoras de rádio e televisivas. A programação contida nos fitos alterada, mas apenas interrompida nos noticiários de rádio para transmissão de novas informações sobre o acidente da via Dutra. Aos 30 minutos de hoje, o genero do Juscelino, Rodrigo Lucas Lopes, telefonou da Rio para o ex-deputado Carlos Murilo, sobrinho do ex-presidente, comunicando que o sepultamento será em Brasília, conforme antigo desejo seu. A cidade pouco reagiu à notícia, não se notando qualquer cena de emoção, embora vários populares lamentassem sua morte.

Vivivelmente emocionado, o presidente do Congresso, disse que hoje iria conversar com as lideranças e com os membros da mesa, para decidir sobre uma possível sessão especial do Senado, em homenagem póstuma ao ex-presidente e também ex-senador por Goiás Rêzechi à notícia de sua morte, muito emocionado, com lágrimas e dor no coração. Era o seu velho amigo e colega, e sempre o considerou um grande presidente, que trouxe novos rumos para o Brasil. Juscelino sempre agiu com emoção e interesse patriótico, interesse pelos nossos destinos. Sentiu sua morte profundamente, declarou o senador Magalhães Pinto.

O ministro do Interior Rangel Reis assim se expressou: "lamento profundamente, colocando de lado as questões políticas, sempre o encarei como um marco do desenvolvimento do País. Sempre que falei da história do Brasil, destaquei o seu plano de metas, como uma fase importante do nosso desenvolvimento. Neste momento revido homenagem a um grande brasileiro. A história vai fazer justiça a um grande cidadão: Juscelino Kubitschek".

Do ministro Arnaldo Pereira: Foi uma perda lamentável. Juscelino foi um homem que marcou uma etapa na história brasileira.

Do senador Petrônio Portella: — O que mais distinguiu Juscelino, como presidente da República foi o seu otimismo que soube transmitir ao povo e à Nação. Se não foi o líder partidário, compenhou suas limitações com apelo direto ao povo. Poucos foram tão populares como ele. Foi uma personalidade política, mas de extraordinária riqueza humana.

Do senador Paulo Bressan: — Foi seu adversário. Lembro porém que exerceu o governo, com o Congresso funcionando normalmente, e os Tribunais intactos. Os excessos criticados de seu governo derivaram dos excessos permitidos a um presidente da República no sistema presidencial. Acredito que a Nação encontrará motivos para prestar-lhe homenagens.

### AURELIANO CHAVES

Até as duas horas da madrugada de hoje o único político, ligado ao atual governo que telefonou para a casa de Juscelino foi Aureliano Chaves, governador de Minas. Aureliano, pensando que o enterro fosse realizado em Belo Horizonte, telefonou oferecendo o palácio do governo mineiro para o velório.

Armando Falcão, que foi ministro da Justiça e líder do governo na Câmara, durante o mandato de Juscelino, não havia procurado a família até aquela hora.

### JÂNIO QUADROS

— Eu me envaideço de ter-lhe feito justiça ainda em vida — assim começou sua declaração que o ex-presidente Jânio Quadros disse ontem à noite, pelo telefone, com voz emocionada.

— As novas pequenas diferenças ficaram sepultas, quando o vieste em Belo Horizonte. Estava ele doentado. De outro parâmetro, cá, estabelecido entre nós verdadeira amizade e não há dúvida de que, ao criar Brasília, ele passou para a mortalidade. Não há, pois, brasileiro que não lhe veja alguma coisa.

Jânio Quadros deveria ter juntado com Juscelino anteontem. Mas, adontado, não pôde comparecer.

## Dona Sara não quer homenagens oficiais

Até duas horas da manhã de hoje, era pouco o movimento na casa de Juscelino em Copacabana. Dona Sara só acreditou tratar-se de marido quando a morte foi confirmada depois das 22h00 pelo secretário de Segurança do Estado do Rio, genitor de Juscelino.

Ela disse que não podia ser Juscelino, porque ele estava em Goiás, onde, na fazenda da família. Depois de confirmada a morte, dona Sara e sua filha Marietela ficaram em estado de choque, e foram assistidas por um médico da família. A outra filha, Márcia, foi avisada por telefonema, em Porto Alegre.

Até às duas da manhã, só o ex-ministro de Juscelino, Fernando Nobrega, o ex-líder de JK, Abelardo Jurema, estavam na casa de dona Sara, além de Carlos Lacerda, que foi um dos primeiros a chegar. Lacerda, muito abalado, não quis fazer declarações. Abraçou dona Sara e foi embora. Depois, chegou o professor Marcos Tammelo. Aos dois minutos de hoje, dona Sara, já em traje de luto, abriu a porta do apartamento, pediu aos fotógrafos

que entendessem o momento difícil que estava passando e não a fotografassem, "só a quem deus".

Segundo dona Odete Lemos, casada de Juscelino, o corpo vai ser velado até às 13h30 de hoje no Mausoléu de Arte Moderna do Rio, depois trasladado para Brasília, onde será sepultado, como era desejo de Juscelino.

Dona Sara, disse que quer o enterro simplificado, dispensando as homenagens oficiais. Negro de Lima, bastante emocionado com a notícia da morte, só conseguiu dizer que o Brasil perdeu "um dos seus maiores estadistas".

No Instituto Médico Legal, onde o corpo estava sendo guardado na madrugada de hoje, além de jornalistas só estavam o embaixador Paschoal Carlos Magno, que declarou que o Brasil perde "o maior dos brasileiros, o maior de todos os presidentes". Disse ainda que os estadistas devem chorar a sua morte, porque nunca tiveram um diálogo como no tempo de Juscelino, e anunciou que vai lançar o livro "JK. Espetáculo Humano".

## As últimas horas, vividas em São Paulo.

O presidente Juscelino — e assim que os amigos falavam dele — tinha um compromisso importante em São Paulo neste fim de semana: um jantar dos fundadores do Conselho da República (Paraná-Uruçu). O jantar foi sabado, no Clube Nacional e dos cinco governadores convidados, só dois não estiveram presentes: Jânio Quadros e Abreu Sodré.

Olavo Drumond, procurador da República e amigo de Juscelino há 20 anos, disse que a festa foi muito alegre, marcada pela alegria dos ex-governadores Carlos Tinoco, Lauro Nery e Lucas Garcez.

Essa foi o único compromisso oficial de Juscelino, que chegou sexta-feira, vindo de Brasília.

No aeroporto de Brasília, Juscelino encontrou dois velhos amigos, o presidente nacional do MDB, deputado Ulysses Guimarães, e o senador Franco Montoro.

Ulysses Guimarães veio de Brasília a São Paulo, sentando junto com o ex-presidente.

repa, e que essas terras não podem ficar abandonadas.

Preocupado com a política e a economia, Ulysses Guimarães disse que Juscelino vinha fazendo muitos contatos com as classes empresariais. E, sobre isso, disse que tinha notado uma grande inquietação nos setores econômicos e bancários.

Juscelino ainda conversou com o deputado sobre um livro que iria escrever em breve, sobre seu período de exílio, dizendo que esse livro seria publicado depois de sua morte.

Quando do seu período como presidente, Juscelino comentou: — Tive grandes dificuldades, mas um dos meus pontos altos foi passar a faixa presidencial para um jovem político.

Como o senador Franco Montoro, o ex-presidente falou da dificuldade que teve para editar seu último livro, que, depois de entregue ao editor, ficou um longo tempo esperando liberação.

Como o senador Franco Montoro, o ex-presidente falou da dificuldade que teve para editar seu último livro, que, depois de entregue ao editor, ficou um longo tempo esperando liberação.

que doou à Academia de Letras. Deles constam toda a sua correspondência e documentos que ele considerava importantes. Esses arquivos, que foram doados logo após a Revolução de 64, foram apreendidos pela polícia.

Juscelino me disse que tinha certeza de que o arquivo não tinha sido destruído e que ainda tinha esperança de revê-lo.

Juscelino ainda conversou com o deputado sobre um livro que iria escrever em breve, sobre seu período de exílio, dizendo que esse livro seria publicado depois de sua morte.

Quando do seu período como presidente, Juscelino comentou: — Tive grandes dificuldades, mas um dos meus pontos altos foi passar a faixa presidencial para um jovem político.

Como o senador Franco Montoro, o ex-presidente falou da dificuldade que teve para editar seu último livro, que, depois de entregue ao editor, ficou um longo tempo esperando liberação.

Como o senador Franco Montoro, o ex-presidente falou da dificuldade que teve para editar seu último livro, que, depois de entregue ao editor, ficou um longo tempo esperando liberação.

zação política. Lá, rua que os Andradá passaram, os Bias Fortes (irmãos políticos da família Andradá) não passam. Lá tem o bar dos Andradá e o Bar dos Bias Fortes. A igreja de um a igreja de outro. O problema é que ele está fazendo motecagens num momento muito grave para a Nêdo.

Ainda sobre o momento atual, Juscelino comentou uma recente conferência de senador Montoro em Moccoca, quando travou o seguinte diálogo com uma estudante:

— Um estudante perguntou: o senhor acha que o povo brasileiro está preparado para escolher seus governantes?

Montoro respondeu: a sabedoria acha que há alguns homens preparados para ser um ditador?

Montoro disse que de Brasília a São Paulo, Juscelino comentou três vezes a resposta, dizendo que essa pergunta lhe era feita com frequência e ele achava que não poderia dar uma resposta mais brilhante do que a de Montoro.

Do senador Paulo Bressan: — Foi seu adversário. Lembro porém que exerceu o governo, com o Congresso funcionando normalmente, e os Tribunais intactos. Os excessos criticados de seu governo derivaram dos excessos permitidos a um presidente da República no sistema presidencial. Acredito que a Nação encontrará motivos para prestar-lhe homenagens.

Até as duas horas da madrugada de hoje o único político, ligado ao atual governo que telefonou para a casa de Juscelino foi Aureliano Chaves, governador de Minas. Aureliano, pensando que o enterro fosse realizado em Belo Horizonte, telefonou oferecendo o palácio do governo mineiro para o velório.

Armando Falcão, que foi ministro da Justiça e líder do governo na Câmara, durante o mandato de Juscelino, não havia procurado a família até aquela hora.

JÂNIO QUADROS

— Eu me envaideço de ter-lhe feito justiça ainda em vida — assim começou sua declaração que o ex-presidente Jânio Quadros disse ontem à noite, pelo telefone, com voz emocionada.

— As novas pequenas diferenças ficaram sepultas, quando o vieste em Belo Horizonte. Estava ele doentado. De outro parâmetro, cá, estabelecido entre nós verdadeira amizade e não há dúvida de que, ao criar Brasília, ele passou para a mortalidade. Não há, pois, brasileiro que não lhe veja alguma coisa.

Jânio Quadros deveria ter juntado com Juscelino anteontem. Mas, adontado, não pôde comparecer.